



O PAPA

Alexandre Santos

ALEXANDRE SANTOS

O PAPA



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Jacinto Almeida

Gérman Cárceres

Caio Porto

Carlos Newton Júnior



Os caminhos traçados por Deus não
precisam ser compreendidos pelos
homens

Para Tânia e Zeca Temporal, que, como
ninguém, compreendem a língua de Deus

ALEXANDRE SANTOS

O PAPA

- Que nome queres adotar, Santo Padre? - perguntou o Carmelengo com ar circunspecto.

O Conclave acabara de eleger o novo Sumo Pontífice da Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

O novo Papa iria suceder a Tiago 32º, um homem santo que, por quase 50 anos conduzira o rebanho - uma massa de devotos impulsionada pela recente e repentina chegada de quase três bilhões de novas almas na sequência da conversão do líder da principal Denominação evangélica - [conduzira o rebanho] pelo confuso purgatório no qual o mundo tinha se transformado naquele século XXV.

Aqueles tempos eram diferentes de todos aqueles já vividos pela Humanidade.

A situação geral tinha se deteriorado bastante, especialmente depois de que o dízimo se tornara obrigatório e era cobrado indistintamente a todos os cidadãos junto com os impostos.

Desde então, com o cisma de antigas religiões (que abandonaram seus preceitos originais) para o surgimento de novas outras [religiões] sob a liderança de profetas, gurus visionários e partidários da ortodoxia reacionária, surgiu um emaranhado de novas tradições religiosas com a profusão de seitas de todas as categorias, num processo vertiginoso de expansão à sombra das velhas catedrais do conhecimento, da fé e da filosofia, estimulando, aceitando e dando lugar a costumes inimagináveis aos patriarcas - a generalização da promiscuidade nos guetos, a proliferação dos múltiplos casamentos

mistos e da poligamia (com trisais vertidos e invertidos) (a lei permitia no máximo dois matrimônios hetero ou homossexual e um único trisal por credo religioso); a legalização da profissão de matador-de-aluguel (o profissional precisaria estar regularmente registrado na Capitania das Cidades, estar em dia com os impostos e, além possuir diploma do curso presencial de abate indolor, só podia firmar um contrato anual por freguesia); a instalação das hordas fora-da-lei nas principais rotas para atacar as caravanas e os viajantes em busca de créditos e de combustível; a conversão dos templos em abrigos para fugitivos do Estado e para jovens expulsos das escolas públicas ou em busca de colocação no mundo do trabalho e [surgido] muito mais, inclusive a permissão do acesso livre aos guichês de fornecimento de alimentos e de energia apenas àqueles que

atingissem o grau 'Master' na escala dos contribuintes (um grau só alcançado pelos que apresentassem somatório das taxas e impostos superior a duzentos e vinte moedas-crédito).

Por coisas como estas e muitas outras, a tarefa do novo Papa não seria fácil.

Naqueles quase seis meses de estafantes reuniões no claustro-maior do Vaticano sem qualquer conclusão objetiva, tinha acontecido de tudo no Conclave.

Desde a renúncia de dois cardeais que se julgaram indignos da bata púrpura depois de protagonizarem um bate-boca escandaloso decorrente da ressaca moral vinda na esteira de festinhas desregradas promovidas pelo bispo alcoviteiro que controlava a chave do chamado 'sótão da

carne', onde tinham encontros inconfessáveis com a vedete recém-admitida na Ordem das Sereníssimas Carmelitas Arrependidas (de quem passaram a nutrir um ciúme mortal), até a expulsão do Decano cosmopolita flagrado pela Congregação quando tentava comprar a simpatia dos representantes das Terras Estranhas com a promessa de franquear-lhes o uso dos abundantes recursos desviados da conta menor mantida no Banco Ascendita para guardar fundos recolhidos junto aos Cavaleiros da Fortuna para o sustento da Casa de Apoio aos Homens de Muita Fé, passando pela estranhíssima morte do cardeal-mordomo Jack Daniel, que se negara a compartilhar com colegas curiosos e ambiciosos parte do enorme poder adquirido junto com as confissões ouvidas de autoridades eclesiásticas que, por força da função, não

podiam pecar (depois de figurar como favorito em diversos escrutínios da eleição papal, o cardeal-mordomo aparecera morto ao pé da escadaria principal do Palácio Episcopal, na qual rolara desde o pavimento superior para quebrar o pescoço).

O pleito fora confuso e demorado, mas ao final de cento e vinte e seis apurações infrutíferas, finalmente, a fumaça branca brotou da chaminé episcopal e, aos gritos, as multidões concentradas na Praça de São Pedro e no entorno de televisões e redes sociais por todo o Planeta exultaram o tradicionalíssimo 'Habemus Papa!', tomando conhecimento da escolha do novo ocupante do Trono de Pedro, o representante da Igreja de Jesus Cristo na Terra.

Enquanto, pelos quatro cantos do Planeta, padres, freiras, diáconos, coroinhas

e beatos de todas as espécies se entregavam a alegres orações evocando a proteção de Deus para o novo Papa, no Vaticano, eram cumpridos os procedimentos previstos na secção de ‘santos rituais’ destacado no Vade Mecum Successorium.

- Que nome queres adotar, Santo Padre? - repetiu o Carmelengo com a voz empostada.

- O nome pelo qual todos vão me conhecer é Vendaval II - respondeu o Cardeal Elpídeo com a voz igualmente empostada, surpreendendo o Carmelengo, que esperava um nome mais associado à história da Santa Madre Igreja.

Aliás, embora devidamente escondida da imprensa, a escolha do Cardeal Elpídeo causou uma tempestade generalizada, inicialmente no Conclave e,

depois, por todo o Vaticano, pelas redações e pelos estudiosos da história da Igreja Católica. Todos se perguntavam sobre quem teria sido o Papa Vendaval, cuja obra inspirara o novo pontífice a tomar-lhe o nome como referência?

Passados os primeiros segundos desde o anúncio do Cardeal Elpídeo, seguiu-se uma correria aos arquivos milenares do Vaticano, pois, apesar de ninguém admitir, poucos lembravam que, um dia, a Santa Igreja fora conduzida por um Papa Vendaval. Aliás, o único Cardeal que conhecia alguma coisa sobre a vida, a obra e o brevíssimo papado de Vendaval era o próprio Elpídeo, um homem culto, dedicado ao estudo de personagens ligados aos grandes feitos do Vaticano.

Na realidade, assim como todo mundo, o Cardeal Elpídeo também não

conhecia muita coisa sobre o Papa Vendaval, o pontífice que por pouquíssimo tempo conduziu à Igreja de Cristo há cinco séculos.

Dos Papas, a não ser o fato de ele aparentemente ter sido apaixonado pela arte e pelo vinho, Vendaval talvez fosse o [Papa] menos conhecido, inclusive porque foi daqueles que menos tempo ocupou o Trono de São Pedro.

De qualquer forma, em poucas horas, a Santa Sé tinha preparado um panegírico sobre o novo Sumo Pontífice, apresentando Elpídeo como um religioso preocupado com o papel da Igreja de Deus na vida mundana e espiritual das pessoas e remetendo as referências ao Papa Vendaval para o último parágrafo das duas páginas distribuídas à imprensa.

O press-release confeccionado às pressas não fazia qualquer referência aos escritos antigos encontrados há pouco, que, superficialmente, descreviam Vendaval não como homem de fé, mas como homem de cultura, aficcionado pelo Teatro, pela Literatura e, também, pelo affair de Bacco.

Ninguém jamais saberia, mas o próprio Elpideo também não sabia o porquê da escolha daquele nome para marcar o seu pontificado. Ele sabia que sua escolha obedecera a um impulso inexplicável à compreensão dos homens, inclusive dele próprio. Tempos mais tarde, recordando o processo do qual eclodiu o seu nome apostólico, o Papa Vendaval II lembrou que, no milionésimo de segundo decorrido entre a pergunta do Carmelengo e a sua resposta, foi tomado por um turbilhão no qual, se mirando nos sucessores de Pedro,

viu a progressiva degradação experimentada pela Humanidade e o tamanho do desafio colocado diante de si e concluiu que todos tinham sido incapazes de colocar a Santa Igreja na liderança da caminhada que poderia levar toda a gente a um tempo digno de Deus. E, tomado por algum tipo de inspiração divina, concluiu que, 'se os santos não deram conta da tarefa colocada por Deus para o Papa, talvez tenha chegado a hora de entregar os destinos da Igreja a um homem do povo'. Foi aí, quase sem pensar, deixando Deus falar pela sua boca, respondeu ao Carmelengo: "O nome pelo qual todos vão me conhecer é Vendaval II".

Quinhentos anos antes, mesmo acompanhado de perto pela senhorita Sabrina - apelido como sua esposa era

conhecida desde os tempos de solteira -, embevecido com as belezas de Roma, pouco ligando para o frio enregelante que fustigava a cidade, Juca Vendaval conseguiu se desgarrar do grupo junto ao qual visitava a cidade e, sem lembrar qualquer dos avisos dados pelo guia turístico, circulava a esmo pela Praça de São Pedro, então apinhada de romeiros e religiosos vindos de todos os cantos do mundo, em círculos de oração e de cânticos.

O momento era muito grave, pois a Rádio Vaticano acabara de confirmar a morte do Papa.

Passado o impacto inicial, no qual, como todo mundo, guardou o silêncio respeitoso devido aos momentos como aquele, Vendaval voltou a ser o Vendaval de sempre, dando vazão à sua eloquência

incontrolável e, naturalmente, despertando a atenção daqueles que estava à sua volta.

Em poucos instantes, Vendaval estava cercado por gentes de todos os lugares. A plateia multinacional era toda ouvidos para ouvir as coisas ditas por Vendaval e, em contrapartida, aquilo era tudo o que ele [Vendaval] precisava para soltar o grande orador que trazia dentro de si.

Como acontecera de outras feitas, Vendaval falava e, magnetizada pela oratória, a multidão no seu entorno aumentava.

Em certo momento, uma religiosa do Nepal confundiu o casaco de frio então vestida por Vendaval com os trajes civis usados pelos cardeais da sua terra.

- Cardeal, ore por nós - a freira se ajoelhou diante do Vendaval.

- Não faça isso, minha filha - Vendaval interrompeu uma usual peroração sobre a carta levada por uma turca às suas bodas e, tomando-a pelos braços, ergueu a freirinha. Foi um momento mágico. Como que em hipnose, honrada pelo fato de o Cardeal-guru ter interrompido a parábola da 'Carta da Turca' para ampará-la, sentiu-se reenergizada. Não era para menos. Talvez, como forma de animá-la, Vendaval fez o sinal da cruz na sua testa e, como se estivesse habituado àquele tipo de interrupção, retomou a história da carta da turca.

Seu gesto foi suficiente para produzir uma grande comoção na multidão concentrada na Praça de São Marcos.

Seguindo algum tipo de 'Efeito Manada', de imediato, uma longa fila se formou diante do Vendaval. Todos queriam a sua benção. E Vendaval não se fez de rogado, passando a fazer o sinal da cruz sobre tantos quantos quisessem a proteção.

Vendaval não sabia, mas no interior das muralhas vaticanas, o cardeal-Carmelengo aguardava apenas a chegada do cardeal in-pectoris nomeado pelo Papa horas antes de morrer para começar o Conclave. Nada se sabia sobre a nomeação secreta.

Ninguém conhecia a identidade, nem mesmo o país do novo Papa. Alguém poderia dizer que, nesta circunstância, o cardeal in-pectoris seria uma incógnita-máxima, pois poderia ser qualquer um.

Mas não era bem assim.

Além do papa morto, Deus sabia que era o cardeal in-pectoris e isso era o suficiente. No momento certo, falando através da linguagem tortuosa de sempre, Deus indicaria aquele que faltava para começar o conclave. A espera permaneceu por mais algum tempo, até que, pelo menos, no entender do cardeal-carmelengo, o sinal de Deus chegou.

De fato, sem que tivesse feito qualquer esforço para saber da movimentação mundana da cidade, o alvoroço causado por Vendaval na Praça de São Pedro logo chegou ao conhecimento do Colégio de Cardeais e, naturalmente, causou grande impacto.

- O cardeal in-pectoris está na Praça de São Pedro arrebatando os corações dos fiéis - informou a madre superiora com certo alvoroço.

- Tragam-no imediatamente - o cardeal-carmelengo disse aliviado - não podemos mais esperar para começar o Conclave.

E, assim, meia hora mais tarde, vestido com um traje arranjado às pressas, assustado e sem compreender absolutamente nada, Vendaval estava ao lado dos cardeais.

Passado o momento inicial (não mais do que trinta minutos), no qual, como um leão acuado, permaneceu em silêncio, Vendaval se ambientou e passou a se sentir em casa. Em instantes, [Vendaval] estava falando coisas que, a julgar pelo ar ausente de alguns cardeais que o ouviam (ou fingiam que o ouviam), não estava sendo muito compreendido.

Aquilo, no entanto, não arrefecia o seu animus-parlatotium e, em mais meia hora, Vendaval havia contado muitas histórias, inclusive as suas favoritas - as lendas da carta trazida pela turca para as bodas, do sumiço da galinha e do susto das três donzelas -, estimulando ilações diretas e indiretas sobre suas palavras.

- O cardeal in-pectorias é um sábio e através parábolas nos faz pensar sobre as coisas da vida e da morte, sobre as coisas da carne e do espírito, enfim sobre as coisas do Homem e sobre as coisas de Deus - os cardeais comentavam. Assim, sem qualquer campanha, de boca em boca, Vendaval criara a fama de mestre da sensatez e da sensibilidade, passando a figurar entre os favoritos do Conclave.

Enquanto as circunstâncias concorriam para um rápido desfecho do

Conclave, com a surpreendente eleição do cardeal in-pectoris, a frenética multidão concentrada na Praça de São Pedro passava por um rigoroso pente-fino comandado pela senhorita Sabrina, cada vez mais preocupada com o sumiço do marido.

Aquela não era a primeira vez que Juca Vendaval desaparecia.

Naquela mesma viagem, tanto em Veneza como Florença e Milão, Juca desaparecera como que por encanto para reaparecer horas mais tarde em algum bistrô charmoso, cercado de gente, ao lado de uma taça de vinho. Daquela vez, no entanto, a situação era diferente, pois a cidade estava paralisada à espera de notícias do Vaticano.

A ânsia da senhorita Sabrina não era menor do que aquela verificada entre os

cardeais em Conclave. Aliás, naquelas panelas-de-pressão prestes a explodir de ansiedade, a única pessoa tranquila era Juca Vendaval – homem conhecido pelos amigos como o marido da senhorita Sabrina, um homem afeito às artes e à cultura, marcado pelo dom da oratória; e [homem] conhecido pelos confrades reunidos em Conclave como o cardeal in-pectoris, um religioso dotado naturalmente de um talento invulgar para dizer coisas, tanto através do silêncio, como [através] de misteriosas parábolas, e, conforme mostravam as linhas tortas escritas por Deus, o escolhido pelo antigo Papa para sucedê-lo.

E veio o grande momento.

Conclave concluía mais um escrutínio e, todos sabiam, convergia para um resultado concreto.

Cercado de cardeais sorridentes, com o semblante naturalmente tenso, sem dizer uma única palavra, Vendaval ouviu a voz do Carmelengo.

- Habemus Papa. Deus manifestou a sua vontade. O Conclave escolheu o cardeal in-pectoris para ocupar o trono de São Pedro e ser o porta-voz de Deus para toda a Igreja Católica Apostólica Romana.

Seguiu-se uma estrondosa salva de palmas e todos se voltaram para o Papa recém-eleito. Sem a exata consciência daquilo que estava passando, tomado pela insegurança, Vendaval recolheu-se em si próprio, numa atitude prontamente interpretada pelos presentes como um sinal de sabedoria e de modéstia.

- Que nome queres adotar, Santo Padre? - com ar circunspecto e respeitoso, o

Carmelengo perguntou ao cardeal in-
pectoris.

Silêncio. Um silêncio sepulcral.

Naquele momento, Vendaval estava dando-se conta da enormidade do esquete que até então vinha representando.

E, agora?

Não havia como fugir da situação.

Não era como no teatro, onde o clímax é sucedido pelos aplausos e pelo apagar da ribalta e fechar das cortinas.

Agora, a situação era diferente e, sem alternativa, ele permaneceu em silêncio por mais alguns instantes.

- Por qual nome Sua Santidade quer ser conhecido? - insistiu o cardeal-carmelengo.

- Meu nome é Vendaval - Juca Vendaval conseguiu balbuciar.

Vendaval? Todos se perguntavam. Aquela era uma nova surpresa trazida pelo cardeal in-pectoris, pois nunca tinha havido o papa Vendaval.

De imediato, a notícia correu os corredores do Vaticano e os investigadores e historiadores sacros começaram as pesquisas para compor um perfil do cardeal in-pectoris e descobrir a origem do nome Vendaval.

Provavelmente, havia alguma razão ainda desconhecida do Vaticano para o novo Papa ter escolhido aquele nome. De qualquer forma, a distribuição do press-release definitivo só seria feita quando o novo papa aprovasse o texto.

- Vamos à sacada, Santidade. A multidão na Praça de São Pedro está ansiosa para ver o novo Papa. - convidou o Carmelengo.

E, cercado pelo cardinalato maior do Vaticano, contido inicialmente pela timidez, Vendaval apareceu na janela para qual estavam voltados todos os olhos do mundo católico.

Diante da multidão, no entanto, como sempre acontecia, Vendaval foi tomado pelo ator que morava dentro de si e perdeu a timidez. Sorriu, abriu os braços num gesto largo de quem quer abraçar a todos e a cada um e, com a pompa que imaginou apropriada para a circunstância, o Papa Vendaval fez o sinal da cruz, distribuindo a benção esperada pela multidão.

A praça veio a baixo, explodindo uma vigorosa salva e palmas, dessas que parece interminável. Gritos 'Viva a Papa!' ecoaram por todos os cantos, automóveis buzinaaram, vuvuzelas vuvuzelaram e cada qual comemorou a eleição do novo Papa ao seu modo.

Em meio a sentimentos de alegria e de surpresa, a primeira aparição pública do Papa Vendaval distribuiu um alento de benfazejo sobre todos, os quais, num súbito só explicado pelos milagres de Deus, passaram a se sentir mais leves, mais suaves, mais amorosos.

A sensação de paz trazida pela aparição do Papa Vendaval, no entanto, não apascentou o coração da senhorita Sabrina, que só compreendeu o sumiço do seu Juca quando o viu vestido de Papa na sacada do Palácio Apostólico, no Vaticano, e, se, de

um lado, ficou aliviada por vê-lo são e salvo, de outro, ficou aflita, plenamente consciente da grandiosidade da tarefa que precisaria enfrentar para tê-lo de volta.

Na realidade, em outra circunstância, a reação inicial da senhorita Sabrina seria explodir uma sonora gargalhada, mas, conhecendo o seu Juca como conhecia, sabia o tormento que deveria estar afligindo-o naquele mesmo momento. Juca Vendaval era um artista e não tinha vocação para aquele tipo de coisa...

E, com esta convicção, a senhorita Sabrina não pensou duas vezes. Como de outras vezes, correria em socorro de Juca e o sacaria da aflição na qual se metera.

Sempre objetiva, a senhorita Sabrina não teve dificuldade em pensar num plano

para resgatar o seu Juca. A ação seria simples: daria um jeito de se aproximar do novo Papa e, sem maiores delongas, simplesmente, o sequestraria.

Com a ideia na cabeça, caiu em campo.

Como se fosse agente secreta experimentada, depois de uma rápida consulta ao guia dos fornecedores das ordens vaticanas, a senhorita Sabrina comprou as roupas religiosas a serem usadas na incursão.

Daí em diante tudo foi mais fácil.

Vestida como as freiras do serviço papal, não teve dificuldades em evitar a vigilância dos poucos soldados da Guarda Suíça e, em instantes, à guisa de fazer a faxina, a senhorita Sabrina estava nos cômodos pessoais do Papa.

- Juca, vamos embora daqui - deixando qualquer coisa para outro momento, incluindo à vontade de matar a curiosidade sobre aquela última maluquice, a senhorita Sabrina deu a ordem necessária para o momento.

- Sabrina, por que você demorou tanto?

Louco para se livrar daquela situação (que não conseguiria sustentar por muito tempo), sem fazer qualquer ponderação (como, normalmente, faria), Juca não relutou em seguir à risca a orientação da senhorita Sabrina. Num instante se livrou da pomposa roupa papal e vestiu a batina trazida por ela.

Minutos mais tarde, aproveitando a imponente colunata do Vaticano como biombo, Sabrina e Juca escaparam do

Palácio Episcopal, ganhando a Praça de São Pedro, de onde, como sempre juntos e apaixonados, fugiram pelas ruas de Roma.

Só algumas horas mais tarde, quando foi chamar o Sumo Pontífice para a oficialização da sua primeira missa como mensageiro de Deus na Terra, o Cardeal-carmelengo percebeu o desaparecimento do Papa Vendaval.

Foram momentos de grande tensão e expectativa.

Inicialmente, sem considerar a hipótese extrema, o Carmelengo imaginou que o Papa estivesse perdido em algum dos salões do palácio e, com alguma irritação, mobilizou as freiras-assistentes para procurá-lo em cada um dos cantos e recantos do prédio milenar (dando mais

tempo para Sabrina e Vendaval se afastarem do Vaticano).

O giro dos ponteiros, no entanto, deixou claro que a situação era mais grave do que aquela pensada inicialmente e, com nítida impressão de que o Papa Vendaval fora sequestrado, progressivamente, o Carmelengo mobilizou a Guarda Suíça, o serviço secreto do Vaticano e, depois, a polícia de Roma.

Todas as buscas foram infrutíferas.

O Papa Vendaval desaparecera.

Surgiram, então, muitas versões, incluindo aquela que atravessou os tempos: surgindo e desaparecendo em meio a milagres, o Papa Vendaval foi um mensageiro enviado por Deus para alertar à Humanidade sobre os perigos decorrentes da desagregação da sociedade,

progressivamente mais entregue às permissividades e às promiscuidades.

E, assim, cercado de mistérios e impulsionando a lenda do Papa Vendaval (que nunca mais foi visto em canto algum do mundo cristão), mais uma vez presidido pelo Cardeal Carmelengo, o Vaticano convocou mais um Conclave (o segundo em menos de um mês) para a escolha de um novo senhor do trono de São Pedro.

Enquanto nova mobilização de cardeais agitava Roma, num agradável chalé em Gravatá City, em meio às gargalhadas de sempre, cercado dos amigos que constituíam a sua plateia favorita e sob o olhar vigilante da senhorita Sabrina, Juca Vendaval contava e recontava a história da carta trazida pela turca por ocasião das suas

bodas, um relato considerado nos meios religiosos como uma das mais enigmáticas parábolas deixada pelo Papa Vendaval.